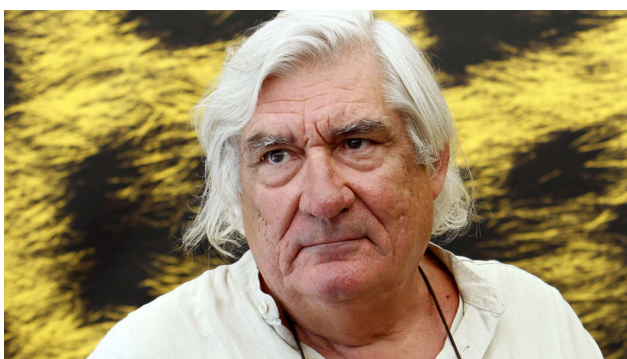


Homenagem a Jean-Claude Brisseau

Fins-de-semana no Monumental: Junho

A Leopardo Filmes e a Medeia Filmes, que têm acompanhado a obra de Jean-Claude Brisseau e distribuído e exibido os seus filmes [fomos um dos primeiros países a estrear, no ano passado, o último deles, *Que o Diabo nos Carregue* (2017)] prestam homenagem, nos fins-de-semana do Monumental do mês de Junho, a este cineasta singular, *un garçon de nulle part*, como lhe chamava o *Le Monde* no seu obituário, em referência ao título de um dos seus últimos filmes, que viria a ganhar o Leopardo de Ouro em Locarno. Um rapaz aparecido, subitamente, de parte nenhuma, que, vindo de um meio modesto, seria “descoberto” num pequeno festival de cinema amador, por Éric Rohmer, que lhe abriria outras portas.



Brisseau perigoso

Camille Nevers

Morreu um dos maiores cineastas franceses. Entrou no além-mundo dos grandes cineastas desaparecidos. “Aqueles que choramos não são os ausentes, são os invisíveis.” Entre Victor Hugo, autor da citação, e Simone Weil, o Marquês de Sade e o cinema milagroso de Murnau, procurem o homem, o último dos homens, procurem Brisseau. O pesado e a graça, o miserável e a aurora, entre as ervas altas e o horizonte, Jean Valjean e o porteiro de libré que, sob a forma de Emil Jannings no filme de Murnau, a multidão reverenciava ou desprezava consoante a sorte lhe sorria ou lhe virava as costas.

Procurem-no, este homem cuja vida foi devotada exclusivamente ao cinema e que se considerou espectador supremo e absoluto. Mas também, e isso nunca lhe será perdoado, como espectador impuro, que nos devolve a cortesia como fazia Hitchcock, a acusação de *voyeur*, de ser abjecto e de alma perdida, que também recai sobre nós: se eu sou culpado, olhai para vós. Vejam os filmes. Como em Weil, a filósofa marxista e convertida ao cristianismo (*A Gravidade e a Graça* é expressamente citado em *Noce Blanche*), o cinema de Jean-Claude Brisseau percorre as trivialidades em declive acentuado e as elevações místicas, em busca de uma metafísica da liberdade. Infeliz, incondicional. Aqueles que nada viram ou nada quiseram ver do seu cinema, tal como os que colocam o chapéu feminista quando tal serve de álibi virtuoso aos pedantes e aos urdidores, recriam-se, pavlovianos, desde a notícia, na noite de sábado, do falecimento do cineasta em Paris.

Como uma daquelas personagens criminosas perdida num paradoxo lógico e cinematográfico de Fritz Lang, Brisseau é uma vez mais, ainda que morto, passado a pente fino, insultado por aqueles que, em matilha, uivam com os lobos e nada têm a dizer senão “culpado!”, ocultando sob os gritos as próprias maldades. E omitindo tudo o resto, por exemplo que a culpa foi provada, julgada, a pena pronunciada: as vítimas dos seus assédios e de agressão sexual, as duas actrizes que em 2005 e 2006 obtiveram ganho de causa num processo judicial e num recurso que condenaram o cineasta a um ano de prisão com pena suspensa e ao pagamento de 15.000 euros de indemnização e juros aos quais se somaram 5.000 euros, 4.000 dos quais pelos danos morais causados a uma delas. Isso está confirmado.

Como está confirmado que ele pagou por outros, mais fortes, mais mundanos e mais desprezíveis. Polanski teve direito à sua retrospectiva no Lugar Santíssimo em Novembro de 2017. O sacrifício no altar de uma “histeria de maluquinhos”, para retomar algumas palavras esparsas dos senhores da Cinemateca francesa, foi a retrospectiva de Brisseau, que deveria ter decorrido pouco depois. Ele pagou o preço de um criminoso mais cintilante. Brisseau pagou caro, porque estava sem dinheiro, sem produtor, era estimado mas não célebre, genial mas não conveniente nem muito apresentável. Ogre desmazelado, gigante patibular com um brilho risonho no fundo dos olhos, olhos sombrios e claros como uma tonalidade falsa, nuvem encobrindo o sol como num filme de John Ford.

Brisseau, o espectador que sonhava acordado com o mundo ao seu redor. Vejam os filmes: culpada inocência, não apenas do *voyeur* mas de um grande cineasta passivo. E vivido como tal: perverso e evasivo, desfrutando da visão de mulheres que se acariciam e que marcam todos os seus filmes, consciente de que o diabo o carregará, mas talvez também a graça. A companheira do seu *alter ego* cineasta em *Os Anjos Exterminadores* (2006), o seu filme-expição depois de ter sido feita justiça, diz-lhe que ele é “pateta”. É isso: a inocência do idiota. E Brisseau era bastante solitário, bastante pateta, com a grande, a imensa Lisa Hérédia, sua companheira, sua montadora, sua figurinista, seu braço-direito e sua melhor amiga, que media menos três palmos do que ele. A solidão não o torna menos culpado, mas fez dele um alvo mais fácil de largar, de adiar indefinidamente. É necessário, lamentavelmente, requalificar a homenagem que vem tarde demais: póstuma. [...]

Jean-Claude Brisseau tinha uma fórmula para resumir as suas origens: “O filho de uma empregada de limpeza que viveu num sonho de cinema.” Nascido em Paris em 1944, desde cedo dedicou a vida à escola e ao cinema, numa loucura compulsiva. Teria gostado de estudar no *Institut des Hautes Études Cinématographiques*, como os jovens bem-nascidos, mas, sem dinheiro — “em casa não havia um tostão” —, é a educação nacional que lhe permite, durante muito tempo, viver e trabalhar. Primeiro professor primário e depois professor de francês em Aubervilliers (Seine-Saint-Denis), onde será o primeiro a compreender a combustão, a violência e a graça, a situação dos subúrbios. [...]

“Assim que saíram as câmaras super 8, em 1975, comprei uma.”, diz em 2013 à *Télérama*. Torna-se cineasta amador, no sentido mais forte do termo, e os seus filmes tratarão naturalmente da sua profissão, da escola, do facto de ensinar, e, também, de falhar na sua missão. Por vezes sair dela quebrado como a sua reputação, como o professor apaixonado e perdido de *Noce Blanche*, filme de terrível clarividência em relação àquilo que acabaria por atingir o cineasta indigno. E culpado.

Brisseau, homem letrado, cinéfilo fanático, versado no misticismo, nas aparições fantasmagóricas e no esoterismo, como fora Hugo, e filho de proletários, foi precário toda a sua vida, tinha o lado selvagem do autodidacta apaixonado, o enorme sentido de engenho que voltava a pôr tudo em causa em relação ao filme seguinte, à próxima actriz ou ao próximo actor (não esquecer as inesquecíveis presenças masculinas na sua obra), e, por exemplo, Sabrina Seyvecou em *Coisas Secretas* (2002) revelada num deslumbramento na viragem do novo século, logo atingida pelo rótulo da infâmia de um cineasta que então avançava com os meios e apoios possíveis. São filmes de câmara, como se diz da música, de melodia acídula e encenação sempre sumptuosa, de desenlace e desnudada, tal como o filme que é apogeu dos temas de morte e de sexo, de suicídio e de graça estelar, distinguido com o Leopardo de Ouro em Locarno, *A Rapariga de Parte Nenhuma* (2012). Fabienne Babe, Sabrina Seyvecou, Lise Bellynck, Virginie Legeay terão amado, admirado e apoiado (ou perdoado?) Brisseau sem vacilar. Lisa Hérédia, nos dias de notória perseguição e de isolamento em desespero, esteve a seu lado até ao final. Não foi fácil.

Quanto a Brisseau, o cinema aspirou-o ou tragou-o. Há nele a rara impressão de que tudo, mesmo tudo, era sonho de cinema e de realidade misturados. E até, veja-se a sua perversão sem perversidade, era matéria a reconduzir um cinema permanente no qual personifica o espectador onnipotente e o mostrador de sombras, mas queimado, incendiados o corpo e a alma nas chamas da dança, da coreografia e da orgia que ele ordena. O sexo e a morte, a mística, a encenação inteira consiste naquilo que sucede às visões: a renovar aquela voracidade insaciável e passiva, em retirada, “todo olhos” como outros são todos ouvidos, o espectador. Tudo é propício à graça sobrevivida e ao invisível. Às abnegadas revelações de raparigas que fazem perder a razão. [...]

Os filmes registam fenómenos curiosos, de transfusão, de transmissão e de impregnação (termo que Brisseau adorava empregar) entre os corpos, entre as personagens: o poder erótico é, antes de mais, um poder mágico. O sobrenatural dá um passo para lá do naturalismo, miragem panteísta de um amor incompreensível condenado de antemão. O milagre é o poder de dar, diz Geneviève, aquilo que não temos a alguém que já tem tudo — e que, todavia, definha. E nos abandonará.

Libération, 13 de Maio 2019
[trad. Inês Viana]



Programa:

_ Sábado, 1 de Junho, 16h30

OS ANJOS EXTERMINADORES

de Jean-Claude Brisseau (2006), 35mm, M/16
Com Frederic Van Den Driessche, Maroussia Dubreuil, Lise Bellynck

_ Domingo, 2 de Junho, 18h00

COISAS SECRETAS

de Jean-Claude Brisseau (2002), 35mm, M/18
Sessão seguida de conversa com Ricardo Gross e outros convidados a anunciar
Com Coralie Revel, Sabrina Seyvecou, Roger Miremont
Prémio Cineasta do Ano France Culture no Festival de Cannes 2003

_ Sábado, 8 de Junho, 14h00

À AVENTURA

de Jean-Claude Brisseau (2008), M/12, 1h47
Com Carole Brana, Arnaud Binard, Nadia Chibani
Inédito comercialmente em sala

_ Sábado, 15 de Junho, 14h00

A RAPARIGA DE PARTE NENHUMA

de Jean-Claude Brisseau (2012), 35mm, M/12, 1h32
Com Virginie Legeay, Claude Morel, Lise Bellynck
Prémio Leopardo de Ouro e Prémio Melhor Actriz no Festival de Locarno 2012

_ Domingo, 16 de Junho, 16h30

QUE O DIABO NOS CARREGUE

de Jean-Claude Brisseau (2017), M/16
Com Fabienne Babe, Isabelle Prim, Anna Sigalevitch